



# EDITORIAL

*Wallace de Moraes*

*Cello Latini Pfeil*

É com enorme prazer que anunciamos o mais novo número da Revista Estudos Libertários da UFRJ nos últimos dias de 2022. Um ano com muitas emoções. Saímos da pandemia de COVID-19, mas entramos na doença das notícias falsas durante as eleições. Sinceramente, estamos vendo uma sociedade cada vez mais doente. Carente de saberes autônomos e libertários. Vimos nesse processo umas pessoas matarem as outras por divergências políticas. Ademais, muitas pessoas destilaram seus ódios sem o menor constrangimento. Autoritarismos, hierarquias, centralizações, discriminações correram soltas nesse ano. Tudo que a nossa perspectiva decolonial e libertária é contra. Por isso, cada vez mais nossa revista se faz necessária. Veremos o quanto os artigos publicados aqui nos servem como alentos para acreditar em um futuro melhor. Somos um dos veículos de difusão de saberes horizontais, mutualistas, coletivistas, que pregam o autogoverno, a liberdade e a igualdade. Criticamos toda forma de racismo e de cisheteronormatividade. Nos colocamos à disposição dos saberes indígenas, negros, autônomos, das comunidades LGBTQIAP+. Somos resistência com orgulho.

Agradecemos a toda a equipe do CPDEL, aos autores e pareceristas que confiam no nosso projeto e ajudam a tornar esse sonho uma realidade. Temos um veículo acadêmico de orientação anarquista no Brasil que também fez questão de dizer que é antirracista!

Nesse número temos excelentes reflexões sob esses vieses. Iniciamos com o artigo “Meus jovens irmãos da Rússia: Mikhail Bakunin e o populismo russo (1868-1879), de Francisco Raphael Cruz Maurício. O autor investiga o modo como os círculos revolucionários na Rússia, entre 1868 e 1879, concebem o pensamento político de Bakunin e sua influência na Associação Internacional dos Trabalhadores. Nesse ínterim, descrever a circulação escrita do bakuninismo entre Suíça e Rússia. Após tal análise, o autor identifica dois modos distintos de concepção do pensamento de Bakunin dentre os populistas, além de mapear as redes de ativismo bakuninista no interior desse meio. Esse artigo interessa demais aos estudiosos do pensamento do revolucionário russo e anarquista. Um dos nomes mais importantes da história do pensamento e das práticas libertárias.

Seguimos para o artigo “Revolta dos governados de 2013 no Brasil: narrativas em disputa”, de Isadora Gonçalves França. A autora compara as coberturas midiáticas das manifestações de junho de 2013 – ou seja, da Revolta dos Governados – com análises libertárias/anarquistas de determinados manifestantes. Os pontos de comparação são: ocupação das ruas pelos manifestantes, ação policial e depredação de patrimônio. É um artigo fundamental para o desenvolvimento de análises libertárias sobre esse momento histórico.

Logo após, temos o artigo “Espreado a revolta pelas letras: articulação e fabulação anarquistas pela lente literária de Emma Goldman”, de Larissa Tokunaga. A autora organiza uma breve biografia sobre Emma Goldman, mapeando suas percepções sobre o fazer-artístico como intérprete e seus impactos políticos na propaganda anarquista, especialmente em sua trajetória na revista *Mother Earth*. Tokunaga nos apresenta uma Emma Goldman que cumpriu papel fundamental na valorização da arte e da literatura através do fazer-artístico e, simultaneamente, difundiu toda uma mensagem revolucionária, induzindo a um novo e libertário modo de pensar político: “arauto da vida e da revolução”. Artigo central para o entendimento de uma das intelectuais mais importantes da filosofia anarquista.

Seguimos para o artigo “Homofobia internalizada e colonialidade de gênero: as tramas coloniais de uma relação”, de José da Silva Oliveira Neto. Neste artigo, o autor investiga como os mecanismos de poder da modernidade/colonialidade garantem a manutenção das desigualdades sociais, especialmente no que se refere as relações de gênero. Explorando a colonialidade de gênero, Oliveira Neto introduz o conceito de homofobia internalizada, contribuindo para a

ampliação dos estudos decoloniais a opressões LGBTfóbicas. O argumento central do autor é, em suas palavras, que “a homofobia internalizada opera como um braço do mecanismo da colonialidade de gênero, mantendo o status quo colonial”. Trata-se de texto fundamental para as comunidades LGBTQUIAP+ e seus estudiosos que lutam contra as discriminações e por liberdade.

Em seguida, apresentamos o artigo “Três posições sobre os protestos de derruba de estátuas em 2020”, de Ísis Esteves Ruffo. A autora disserta sobre as posições de diferentes camadas sociais sobre a derrubada de estátuas e monumentos públicos, especialmente após a insurgência popular contra a estátua de Borba Gato e o Monumento às Bandeiras, em São Paulo. Após tal análise, a autora identifica três posições: a defesa da derrubada; a defesa da manutenção dos movimentos; e a defesa de sua ressignificação. O referencial teórico utilizado é decolonial, com Grosfoguel, De Moraes, Quijano e bell hooks. Ísis Ruffo teoriza sobre a ação direta contra os símbolos do colonialismo e por consequência do racismo. As mudanças que almejamos inclui a derrubada das estátuas de assassinos de indígenas. Ela apresenta três visões a respeito e nos faz refletir sobre a posição do movimento. Leitura essencial sobretudo para os praticantes de ações diretas.

Posteriormente, temos o ensaio de Wallace de Moraes, “Uma crítica decolonial e libertária do filme Pantera Negra 2 – Wakanda Forever”, em que o autor analisa elementos da colonialidade no enredo. Segundo De Moraes, os roteiristas do filme reproduziram a dicotomia bem versus mal – típica do pensamento moderno/colonial e amplamente reproduzidas nos filmes de Hollywood. Para piorar, apresentaram uma guerra entre negros e indígenas- povos oprimidos pelo colonialismo, enquanto os verdadeiros colonizadores foram protegidos por negros.

Na seção de entrevistas, temos a excelente entrevista conduzida por Pamela Cristina Gois com a Cacica Euzileny Tormiak Krenak. Nesta entrevista, Pamela questiona a cacica sobre feminismo, decolonialidade, gênero, questionando a posição das mulheres no povo krenak enquanto cacicas e lideranças de comunidade. Uma conversa muito enriquecedora. Deve interessar aos militantes e estudiosos dos povos indígenas principalmente para compreender a posição de uma mulher indígena no interior de uma aldeia, sendo cacica reconhecida.

Por fim, apresentamos a tradução de Cello Latini Pfeil do artigo “Imaginação, descolonização e interseccionalidade: as ocupações estudantis #RhodesMustFall na Cidade do Cabo, África do Sul”, de Antje Daniel e John Platzky Miller. Os professores relatam os movimentos de ocupação ocorridos na University of Cape Town, assim como os conflitos de interesse, a cobertura midiática e os futuros imaginados pelos estudantes. É um importante estudo para se compreender a importância de ocupações como estratégia de luta estudantil.